Arthur Ignatius Conan Doyle nasceu em Edimburgo, Escócia, em 1859. Foi médico, jornalista e escritor. Enquanto exercia a profissão de cirurgião em Southsea, Inglaterra, começou a escrever contos. Em 1887 publicou pela primeira vez na revista de bolso *Beeton's Christmas Annual* o texto *Um estudo em vermelho*, o qual apresenta o detetive Sherlock Holmes ao público, que passou a acompanhar suas aventuras, tornando-se conhecido mundialmente. Ao todo ele escreveu 60 histórias sobre Sherlock Holmes. Em 1930 sofreu um ataque cardíaco e faleceu em Crownborough, Inglaterra.

SHERLOCK HOLMES

Para Sherlock Holmes, ela era sempre "a mulher". Raras vezes o ouvi mencioná-la de outra maneira. Aos olhos dele, ela se sobrepunha e pairava acima das demais pessoas de seu sexo. Não que ele sentisse qualquer emoção semelhante ao amor por Irene Adler. Todas as emoções, e essa em particular, eram abomináveis para sua mente fria, calculista, mas admiravelmente equilibrada. Acho que ele era a mais perfeita máquina de raciocínio e observação que o mundo já viu, mas, como amante, ficava em posição desfavorável. Ele nunca falava de paixões frívolas, a não ser com sarcasmo e desprezo.

Excerto de "Um escândalo na Boêmia"

Crimes misteriosos demais para serem desvendados pela polícia precisam de um olhar diferenciado. O destino de quem quer saber a verdade escondida é um só: Londres, Baker Street, 22B.

ISBN 978-85-943-1858-9
Lote 12693
9 788594 318589
IMPRESSO NO BRASIL

Principis

SHERLOCK HOLMES MAIS AVENTURAS DE SHERLOCK HOLMES

ARTHUR CONAN DOYLE

SHERLOCK HOLMES

MAIS AVENTURAS DE SHERLOCK HOLMES

Principis

Sherlock Holmes é um detetive britânico enigmático e pedante do final do século XIX e início do século XX. Ele utiliza a metodologia científica e a lógica dedutiva para solucionar seus casos e conta com a ajuda de seu fiel amigo e parceiro dr. Watson.

Neste livro estão reunidos seis breves, mas não pouco enigmáticos, casos policiais brilhantemente narrados pelo dr. Watson, e que somente com a perspicácia e genialidade de Sherlock Holmes puderam ser solucionados.

ARTHUR CONAN DOYLE

ARTHUR CONAN DOYLE

MAIS AVENTURAS DE SHERLOCK HOLMES

TRADUÇÃO
SILVIO ANTUNHA

Principis

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

D754m Doyle, Arthur Conan, 1859-1930

Mais aventuras de Sherlock Holmes / Arthur Conan Doyle ; traduzido por Silvio Antunha. - Jandira, SP : Ciranda Cultural, 2019.
208 p. : il. ; 16cm x 23cm. - (Clássicos da Literatura Mundial)

Inclui índice.
ISBN: 978-85-943-1858-9

1. Literatura inglesa. 2. Ficção. I. Antunha, Silvio. II. Título. III. Série.

CDD 823.91
2019-474 CDU 821.111-3

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura inglesa : ficção 823.91
2. Literatura inglesa : ficção 821.111-3

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

© 2019 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.
Produção: Ciranda Cultural
Texto: Sir Arthur Conan Doyle
Tradução: Silvio Antunha
Preparação: Carla Bitelli

1ª Edição
www.cirandacultural.com.br
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Sumário

A Liga dos Homens Ruivos 7

As Cinco Sementes de Laranja 41

O Homem da Boca Torta 71

O Mistério do Vale Boscombe 107

Um Caso de Identidade 145

Um Escândalo na Boêmia 173

A Liga
dos Homens
Ruivos

Fui visitar meu amigo, o senhor Sherlock Holmes, num dia de outono do ano passado e encontrei-o tendo uma conversa séria com um cavalheiro idoso, bastante corpulento, de rosto corado e cabelo de um vermelho intenso. Pedi desculpas pela minha intromissão e estava prestes a me retirar quando, de repente, Holmes me puxou para dentro da sala e fechou a porta atrás de mim.

– Não poderia ter vindo em melhor momento, meu caro Watson – ele disse cordialmente.

– Estava com receio de que você estivesse ocupado.

– Pois estou, e muito!

– Então vou esperar na outra sala.

– De jeito nenhum. Senhor Wilson, este cavalheiro foi meu parceiro e ajudante em muitos dos meus casos mais bem-sucedidos e não tenho dúvida de que será da maior utilidade para mim também no seu caso.

O cavalheiro corpulento ensaiou se levantar da cadeira e me cumprimentou sorrindo, com um olhar rápido e interrogativo de seus olhos miúdos circundados de gordura.

– Sente-se no sofá – disse Holmes para mim, voltando a se ajeitar em sua poltrona e juntando as pontas dos dedos, como era seu costume quando entrava em estado de espírito ajuizado. – Eu sei, meu caro Watson, que compartilha o meu gosto por tudo o que é bizarro, fora do convencional e da rotina monótona da vida cotidiana. Você já revelou esse prazer pelo entusiasmo com que escreve crônicas, e, me desculpe o comentário, até enaltece algumas das minhas pequenas aventuras.

– De fato, os seus casos realmente têm sido do maior interesse para mim – observei.

– Você deve lembrar que observei outro dia, antes de entrarmos no problema muito simples apresentado pela senhorita Mary Sutherland, que, para o caso de efeitos estranhos e combinações extraordinárias, devemos recorrer à própria vida, que é sempre muito mais inventiva do que qualquer esforço da imaginação.

– Uma afirmação que tomei a liberdade de discordar.

– De fato, doutor. Mas ainda assim você deve admitir o meu ponto de vista, pois, de outra forma, continuarei empilhando fatos sobre fatos para você até que sua razão se desintegre debaixo deles e reconheça que estou certo. Eis que o senhor Jabez Wilson aqui presente fez muito bem de me procurar esta manhã e começou a me narrar o que promete ser um dos casos mais singulares de que tomei conhecimento há tempos. Você já me ouviu falar que as coisas mais estranhas e mais exclusivas muitas vezes estão relacionadas não com os crimes maiores, mas com os menores e, eventualmente, de fato, há motivos para se duvidar se algum crime concreto foi cometido. Pelo que ouvi até agora, para mim é impossível dizer se o presente caso é uma instância criminal ou não, mas o curso dos eventos

certamente é um dos mais inusitados que já escutei. Talvez, senhor Wilson, você possa fazer a grande gentileza de recomeçar a sua narrativa. Peço-lhe isso não apenas porque o meu amigo doutor Watson não ouviu a parte inicial, mas também porque a natureza peculiar da história me deixa ansioso para obter todos os detalhes possíveis do seu relato. Geralmente, quando ouço pequenas indicações do curso dos acontecimentos, sou capaz de me guiar pelos milhares de outros casos semelhantes que vêm à minha memória. No presente caso, sou forçado a admitir que os fatos são, na melhor das hipóteses, únicos.

O portentoso cliente estufou o peito aparentando certo ar de orgulho e tirou um jornal sujo e amassado do bolso interno do sobretudo. Enquanto olhava a coluna dos anúncios, com a cabeça inclinada para a frente e o jornal estendido sobre os joelhos, examinei bem o homem e me esforcei, segundo o costume do meu companheiro, para captar as indicações que poderiam ser reveladas pela roupa ou pela aparência dele.

Não obtive muitos resultados nessa minha inspeção, contudo. O nosso visitante exibia todos os sinais de um comerciante britânico comum. Era obeso, pomposo e lento, vestia calça social xadrez folgada, sobrecasaca preta não muito limpa, desabotoada na frente, e um colete rústico com uma pesada corrente de ouro tipo Albert e uma peça quadrada de metal pendurada como enfeite. A cartola desgastada e o sobretudo marrom desbotado com colarinho de veludo enrugado repousavam sobre uma cadeira ao lado dele. No conjunto, pelo que pude reparar, não havia nada de notável no homem, exceto seu cabelo vermelho esfogueado e a expressão de extremo desgosto e descontentamento no rosto.

A visão rápida de Sherlock Holmes notou a minha atitude. Ele balançou a cabeça e sorriu quando notou o meu olhar indagador.

– Além dos fatos óbvios de que em algum momento o senhor foi trabalhador braçal, usa rapé, é maçom, esteve na China e tem escrito muito ultimamente, não posso deduzir mais nada.

O senhor Jabez Wilson pulou da cadeira, com o dedo indicador sobre o jornal, mas com o olhar fixo no meu companheiro.

– Como, em nome da boa fortuna, descobriu tudo isso, senhor Holmes? – ele perguntou. – Como sabia, por exemplo, que fui trabalhador braçal? É tão verdadeiro quanto o Evangelho, pois quando comecei a trabalhar era carpinteiro naval.

– Pelas suas mãos, meu caro senhor. A sua mão direita é de um tamanho maior do que a esquerda. Utilizou-a mais e os músculos estão mais desenvolvidos.

– Certo! Mas e o rapé, a maçonaria?

– Não vou insultar sua inteligência dizendo-lhe como percebi isso, especialmente porque, contrariando as regras rígidas da sua ordem, você traz no peito um broche de esquadro e compasso.

– Ah! Claro, esqueci isso. Mas e os escritos?

– O que mais pode indicar o punho tão vistoso da manga direita da camisa e a manga esquerda com um pequeno remendo no local perto do cotovelo onde você se apoia na mesa?

– Bom. E quanto à China?

– O peixe que você tatuou logo acima do pulso direito só poderia ter sido feito na China. Fiz um pequeno estudo a respeito de marcas de tatuagem e até contribuí para a literatura sobre o assunto. Esse truque de colorir as escamas dos peixes num tom rosado é bastante característico da

China. Além disso, como vejo uma moeda chinesa pendurada na corrente do seu relógio, a questão se torna mais simples.

O senhor Jabez Wilson riu com gosto.

– Bem, que coisa! – ele disse. – A princípio, imaginei que você tivesse feito algo extraordinário, mas vejo que não foi nada disso, afinal de contas.

– Começo a pensar, Watson – disse Holmes – que cometi um erro ao explicar tudo. Como sabe, *omne ignotum pro magnifico*[1]. A minha pobre e insignificante reputação irá por água abaixo se eu continuar sendo tão sincero assim. Não consegue encontrar o anúncio, senhor Wilson?

– Sim, acabei de achar – ele respondeu com o dedo vermelho e grosso plantado no meio da coluna. – Aqui está. Foi isto que deu início a tudo. Por favor, leia você mesmo, senhor.

Peguei o jornal das mãos dele e li o seguinte:

> *Para a Liga dos Homens Ruivos: Por conta do falecimento de Ezekiah Hopkins, de Lebanon, Pensilvânia, Estados Unidos, existe agora outra vaga em aberto que dá direito a um membro na Liga ao salário de 4 libras por semana pela prestação de serviços puramente nominais. São elegíveis todos os homens ruivos que estejam em perfeita saúde física e mental, com idade acima de 21 anos. Candidate-se pessoalmente na segunda-feira, às onze horas, com Duncan Ross, no escritório da Liga, em Pope's Court, Fleet Street, 7.*

1 Do latim, "O desconhecido é tido por magnífico". (N.T.)

– Que diabos isso quer dizer? – exclamei depois de ter lido duas vezes o estranho anúncio.

Holmes riu, contorcendo-se na cadeira, como era seu hábito quando estava de bom humor.

– É um pouco estapafúrdio, não é? – ele comentou. – E agora, senhor Wilson, deixe de brincadeiras e nos conte tudo a seu respeito, sua família e o efeito que esse anúncio teve sobre o seu destino. Para começar, doutor, anote o nome e a data do jornal.

– É *The Morning Chronicle,* de 27 de abril de 1890. Apenas dois meses atrás.

– Muito bom. E então, senhor Wilson?

– Bem, é exatamente como eu estava lhe dizendo, senhor Sherlock Holmes – disse Jabez Wilson, esfregando a testa. – Tenho um pequeno negócio de penhores na Coburg Square, perto do centro da cidade. Não é um nada muito grande e nos últimos anos não fez mais do que apenas me sustentar. Eu costumava ter dois assistentes, mas agora estou com apenas um e gostaria de poder pagá-lo como empregado, apesar de ele estar disposto a ganhar metade do salário para aprender a profissão.

– Qual o nome desse jovem tão prestativo? – perguntou Sherlock Holmes.

– O nome dele é Vincent Spaulding e não é tão jovem assim. É difícil dizer a idade dele. Eu não poderia desejar um assistente mais esperto, senhor Holmes. Sei muito bem que é capaz de progredir e ganhar o dobro do que posso lhe pagar. Mas, enfim, se está satisfeito, por que eu deveria encher a cabeça dele com outras ideias?

– Não tem obrigação, não é mesmo? Você parece que teve a sorte de conseguir um funcionário que ganha abaixo do